

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Dulcinéa do Socorro Vieira

**INTERVENÇÃO NAS INTERAÇÕES DE ALUNOS DURANTE O
RECREIO, EM BUSCA DE UM PONTO DE EQUILÍBRIO**

Belo Horizonte

2012

Dulcinéa do Socorro Vieira

**INTERVENÇÃO NAS INTERAÇÕES DE ALUNOS DURANTE O RECREIO, EM
BUSCA DE UM PONTO DE EQUILÍBRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Juventude, Escola e Cultura, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Belo Horizonte

2012

Dulcinéa do Socorro Vieira

INTERVENÇÃO NAS INTERAÇÕES DE ALUNOS DURANTE O RECREIO, EM BUSCA DE UM PONTO DE EQUILÍBRIO

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Juventude, Escola e Cultura, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Aprovado em 28 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Paulo Henrique de Queiroz Nogueira – Faculdade de Educação da UFMG

Carla Valéria Vieira Linhares Maia – Faculdade de Educação da UFMG

Ao meu papai querido

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a execução deste trabalho. Agradeço especialmente aos meus familiares, ao meu orientador Professor Doutor Paulo Henrique de Queiroz Nogueira, à diretora Simone A. R. Portela, à toda a equipe da E. M. “José Monteiro de Castro” e à grande amiga e colaboradora Júnia Cristina Pereira.

RESUMO

Este trabalho trata de comportamentos presentes no intervalo do recreio da E. M. “José Monteiro de Castro”, tais como a indisciplina, os conflitos entre alunos e o *bullying*. O objetivo foi refletir sobre alguns aspectos relacionados a esses comportamentos, como a questão do espaço físico, a cultura e a identidade juvenil, a participação dos alunos nas regras escolares, entre outros, de maneira a encontrar alternativas que promovessem durante o intervalo do recreio uma convivência mais harmoniosa, sem deixar de respeitar a diversidade de alunos que a Escola atende.

Palavras-Chave: comportamentos, juventude, escola, Escola Municipal “José Monteiro de Castro”, culturas, intervalo, recreio, indisciplina, conflitos, *bullying*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: E. M. “José Monteiro de Castro”. Foto: Dulcinéa Vieira.....	12
Figura 2: Imagem do projeto jardim.....	25

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Relação de alunos da E.M “José Monteiro de Castro “ em 2011.....15

Tabela 02 - Cronograma das Intervenções no Intervalo do Recreio- Julho/Setembro 2011.....28

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. A Escola Municipal “José Monteiro de Castro”	12
2.1 Aspectos relativos aos sujeitos da instituição.....	14
2.1.1 Funcionários da escola.....	14
2.1.2 Estudantes da escola.....	15
3. Apresentação do Problema.....	17
4. Análise e definição de estratégias.....	20
5. Implantação das ações.....	23
5.1 Introdução do desjejum	23
5.2 Introdução do <i>self-service</i>	23
5.3 Jogos – <i>ping pong</i>	24
5.4 Ampliação do espaço físico.....	25
5.5 Introdução de música.....	26
5.6 Liberação do celular, boné e bermuda.....	26
5.7 Palestras: <i>bullying</i> , violência social, exploração sexual, etc.....	26
5.8 Oficina de autoestima (EMA –Encontro Municipal de Adolescentes).....	27
5.9 Combinados com os alunos	27
6. Avaliação dos Resultados.....	29
7. Conclusão.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo apresenta os resultados de intervenções realizadas na Escola Municipal “José Monteiro de Castro” buscando solucionar questões como indisciplina, conflitos e *bullying* que surgiam entre os alunos durante o intervalo do recreio no primeiro turno.

O primeiro capítulo apresenta a Escola Municipal “José Monteiro de Castro”: sua origem, sua estrutura física, quadro de pessoal e funcionários, sua relação com a comunidade e projetos que desenvolve. Apresenta ainda, rapidamente, os principais problemas relacionados ao comportamento dos alunos no ambiente escolar.

No segundo capítulo, buscamos compreender o problema da indisciplina e dos conflitos existentes no intervalo do recreio. A partir de uma primeira reflexão, concluímos que as regras disciplinares que normatizavam o período do recreio precisavam ser revistas, de modo a serem compatibilizadas com a realidade de nossos alunos.

No terceiro capítulo, aprofundamos a reflexão sobre o recreio como espaço de socialização juvenil, procurando entender a cultura de nossos alunos e a forma de participação dos mesmos na escola. Buscamos também compreender a questão da agressividade na escola e sua possível relação com a ocupação do espaço físico no contexto específico da E.M. “José Monteiro de Castro”.

O quarto capítulo apresenta as ações que foram planejadas e desenvolvidas pela equipe da escola: introdução do desjejum, introdução do *self-service*, jogos – principal *ping-pong*, ampliação do espaço físico, introdução de música, liberação do celular, boné e bermuda; palestras, oficinas de autoestima e combinados com os alunos.

No quinto capítulo, avaliamos os resultados alcançados com as medidas. Observamos a diminuição do impacto negativo que os comportamentos relacionados à indisciplina, conflitos e *bullying* causavam no intervalo do recreio. Todo e qualquer tipo de indisciplina é um problema pertinente à escola, que sempre existirá com mais ou menos intensidade. Nossos esforços não pretendem eliminar a indisciplina por

completo, mas sim diminuir a ocorrência desse comportamento por meio da construção de uma relação onde haja mais diálogo e mais respeito.

2. A ESCOLA MUNICIPAL “JOSÉ MONTEIRO DE CASTRO”

A Escola Municipal “José Monteiro de Castro” foi instalada em fevereiro de 1995, na administração do Prefeito Gualter Pereira Monteiro, tendo sido criada pela Lei número 2010 de 20 de outubro de 1994. Foi autorizado o funcionamento de Pré-escola à 8ª série pela Portaria nº 1013/95 da secretária de Estado da Educação de Minas Gerais, publicada no Minas Gerais de 15/09/95, página 08, coluna 01.

A escola, atualmente, atende atualmente 308 (trezentos e oito) alunos e possui um quadro de 42 (quarenta e dois) funcionários.

Oferece o Ensino Fundamental do 1º período ao 9º Ano.

Foi denominada Escola Municipal “José Monteiro de Castro”, em homenagem a José Monteiro de Castro, notável político, deputado federal por várias legislaturas, constituinte em 1946 e Chefe da Casa Cível e descendente da família Monteiro de Castro, do Município de Congonhas.



Figura 1: E. M. “José Monteiro de Castro”. Foto: Dulcinéa Vieira.

A área total da escola é de 572 m², possuindo as seguintes dependências:

- . 08 salas de aula;
- . 01 biblioteca;

- . 01 sala para funcionários com banheiro;
- . 01 sala de supervisão pedagógica;
- . 01 secretária com banheiro;
- . 01 laboratório de informática com banheiro;
- . 01 laboratório de informática mesinhas do positivo de Ed. Infantil ao 5º ano;
- . 01 cantina acoplada com dispensa;
- . 04 banheiros femininos (somente para alunos);
- . 04 banheiros masculinos (somente para alunos);
- . 01 refeitório;
- . 01 quadra;
- . 01 horta;
- . 01 casa onde funciona sala de vídeo/reunião, projeto Arte na Escola, aulas de reforço: português/matemática.

A Escola Municipal “José Monteiro de Castro “ relaciona-se bem com a comunidade da qual faz parte, procurando atender, na medida do possível, às reivindicações da mesma sem, no entanto, perder sua autonomia, garantida em sua proposta pedagógica.

O projeto político pedagógico de 2008, ainda em vigor, prevê que os conteúdos básicos sejam desenvolvidos de acordo com a realidade dos alunos. Prevê também, que por meio de projetos, possa haver integração entre os diferentes conteúdos.

A comunidade participa efetivamente dos eventos realizados pela escola. Os pais de alunos acompanham o processo ensino-aprendizagem, participando de reuniões e de atendimentos individualizados.

A escola acaba se tornando uma referência para os alunos em encontros realizados também fora do horário de estudos. Participamos de um programa municipal denominado Arte na escola, no qual os alunos retornam no horário contrário de seus

estudos para participarem de oficinas nas áreas de teatro, dança, música e artes visuais. Além disso, são realizados jogos de futsal no final da tarde, onde a quadra é utilizada não só pelos alunos, mas também por toda a comunidade. Fazemos parcerias com a associação de bairro em: festas juninas, missas, catequese, eventos da comunidade, etc. Nossa escola possui Grêmio Estudantil, composto por alunos com participação efetiva em todos os eventos escolares.

2.1 Aspectos relativos aos sujeitos da instituição

2.1.1 Funcionários da Escola

O corpo docente da Escola é constituído por:

- . 08 professores de 1º ao 5º Ano;
- . 02 professores de Inglês (4º e 5º Anos e 6º ao 9º Ano);
- . 02 professores de Ed. Física (4º e 5º Anos e 6º ao 9º Ano);
- . 02 professoras de Educação Infantil;
- . 01 professora recuperadora do 1º ao 5º Ano;
- . 01 professora recuperadora do 6º ao 9º Ano;
- . 15 professores de 6º ao 9º Ano – na ativa.

Equipe Administrativa:

- . 01 Diretor – Superior completo (Pedagogia);
- . 01 Vice Diretor – Superior completo (História) e pós graduação;
- . 01 Pedagoga – Superior completo (Pedagogia) e pós graduação;
- . 01 Secretária – Ensino médio completo;
- . 02 Auxiliares de secretária – Ensino médio completo;
- . 01 Apoio Administrativo – Superior completo (pedagogia) e pós graduação.

Equipe de Apoio:

- . 01 Inspetor de alunos;
- . 05 cantineiras (divididas em 2 turnos);
- . 02 Faxineiras (terceirizadas);
- . 01 Auxiliar de serviços

2.1.2 Estudantes da Escola

A tabela abaixo mostra o quantitativo dos alunos matriculados em 2011:

	1º período	2º período	1º ao 5º Ano	6º ao 9º Ano
Matrícula	11	41	105	166

Tabela 01: relação de alunos da E.M “José Monteiro de Castro “ em 2011.

Observamos que a maioria dos alunos pertencem a famílias que possuem casa própria. São filhos de funcionários públicos, funcionários de empresas da região (mineração e siderurgia), comerciantes e empregadas domésticas. A escolaridade dos pais não excede o Ensino Fundamental, salvo exceção.

A Escola desenvolve e também recebe projetos na área do meio ambiente e socialização, como o Pré-EMA (Encontro Municipal de Adolescentes), Vale juventude, entre outros, onde são realizadas palestras e oficinas que, de maneira teórica e prática, buscam contribuir para a formação mais ampla do aluno. Os alunos têm boa participação nessas atividades, que envolvem também caminhadas, gincanas e outros eventos dentro e fora da escola.

Entretanto, apesar de todas essas ações, ainda enfrentamos problemas relacionados ao convívio dos alunos no ambiente escolar. No ano de 2011, a equipe de direção da E. M. “José Monteiro de Castro” identificou algumas questões que necessitavam urgentemente de um encaminhamento, questões essas relacionadas ao comportamento dos alunos.

A primeira questão refere-se ao comportamento na sala de aula em determinadas disciplinas. Verificamos a necessidade de procurar um caminho para entender porque uma mesma turma apresenta comportamentos completamente

diferentes no relacionamento com diferentes professores e de que maneira podemos contribuir para que, no caso de comportamentos agressivos ou desrespeitosos, os mesmos possam ser revertidos de maneira a restaurar uma relação possivelmente já desgastada.

A segunda questão refere-se à impaciência demonstrada pelos alunos, de maneira geral, em aguardar o professor em sala de aula, durante o intervalo da troca de horário. Percebemos que apesar do curto período de tempo necessário para a troca do professor (em média dois minutos), os alunos sentem necessidade de deixar a sala de aula, o que compromete a organização escolar e o próprio rendimento das disciplinas. Possivelmente, os alunos estejam insatisfeitos com o ambiente escolar, sentindo-se presos, obrigados a estar e permanecer em um ambiente que talvez esteja indo ao contrário dos seus desejos.

A terceira questão refere-se ao intervalo do recreio no primeiro turno, onde vários comportamentos nos preocupam, especialmente a indisciplina, os conflitos entre alunos e o *bullying*, sendo necessário debruçar-nos sobre o assunto de maneira a encontrar alternativas que promovam durante o intervalo do recreio uma convivência mais harmoniosa, sem deixar de respeitar a diversidade de alunos que a Escola atende.

No próximo capítulo, iremos apresentar mais detalhadamente o nosso foco de análise nesse trabalho, em relação ao intervalo do recreio no primeiro turno de funcionamento da E M “José Monteiro de Castro”.

3. APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

O foco do meu estudo será os vários comportamentos durante o intervalo do recreio no primeiro turno (6º ao 9º Ano). De acordo com a observação da equipe de direção da E. M. “José Monteiro de Castro”, o comportamento dos alunos nesse período se dá de duas formas principais: enquanto os mais velhos (7º Ano ao 9º Ano) paqueram, flertam, tentando fazer conquistas amorosas, ou gritam, utilizando vocabulários chulos, apelidos diversos e inadequados, os mais jovens (6º Ano) brincam e correm de forma inadequada ao ambiente escolar, até mesmo colocando em risco a sua própria segurança e a dos demais. São comportamentos que se chocam provocando conflitos entre os alunos, alguns deles envolvendo *bullying* e de maneira geral, um certo tumulto que se choca com as regras disciplinares da escola.

O momento do recreio deveria ser um período de descanso, reservado para o lanche, a troca de informações entre alunos de diferentes turmas, mas tudo de forma que cada um respeitasse o espaço do outro e não perdesse de vista o foco que é o momento da convivência social. Entretanto, diante de comportamentos variados descritos acima, a dificuldade de até mesmo permanecerem no mesmo espaço (pátio) é enorme, sendo necessárias intervenções e vigília constantes.

Sabemos que na adolescência a sexualidade aflora, o corpo muda visivelmente de forma rápida, com transformações radicais e contrasta com a mentalidade ainda infantil. Embora a semelhança com o meio adulto fique mais evidente, com a experimentação da vida sexual e cobranças do que eles “vão ser quando crescer”, os jovens ainda não tem maturidade para lidar com estas questões e no entanto, começam a querer ter suas próprias opiniões a respeito de tudo. Já as emoções são extremamente confusas porque os jovens, nesta fase, hesitam entre a demonstração de raiva e até de sentimentos fraternos e experimentam estes e outros tipos de emoções. Essa experimentação é uma condição necessária à construção de sua identidade. Acredito que essas muitas mutações sofridas pelo adolescente sem a sua percepção acabam sendo refletidas na escola e sobressaindo no momento em que todos estão juntos tentando um convívio saudável que é o momento recreativo, gerando assim a

dificuldade de entender e respeitar as tantas regras que nos são impostas pela necessidade de convívio social.

Sempre acreditamos que o problema não está nas regras disciplinares, mas sim em aceitá-las e acima de tudo, respeitá-las. Afinal, tudo o que a escola pede é respeito, limite, educação, princípios básicos para que o ser humano se desenvolva com qualidade. Contudo, embora todos os alunos conheçam essas regras, a maioria deles não respeita e a escola sofre cobranças de uma minoria de alunos que se sentem oprimidos por não terem um ambiente de paz e tranquilidade.

Após muito esforço vão no sentido de fazer com que nossos alunos conhecessem, aceitassem e respeitassem as regras disciplinares durante o intervalo do recreio, passamos a desconfiar de algo que antes nunca havíamos pensado: será que nossas regras disciplinares estão adequadas aos nossos alunos? Tal dúvida mudou todo o nosso ponto de vista sobre a questão. De acordo com o pensamento de Santos, trazido pela professora Renata Bergo durante as aulas da disciplina “A pesquisa em educação”:

Tal como noutros períodos de transição, difíceis de entender e de percorrer, é necessário voltar as coisas simples, a capacidade de formular perguntas que como Einstein costumava dizer, só uma criança pode fazer mas que, depois de feitas, são capazes de trazer uma luz nova à nossa perplexidade. (Santos, 1998:46)

Assim, a partir desse questionamento de nossas regras, passamos a voltar os nossos olhos para a identidade dos nossos alunos, não somente para apontar os seus erros ou descumprimentos de regras, mas para tentar descobrir quem eles são e porque apresentam dificuldade em conciliar a sua liberdade individual com a liberdade coletiva, ou seja, entender que a escola não é um mundo privado (particular), mas um mundo público (sociedade) onde as regras impostas para proteger a liberdade do outro devem ser aceitas de maneira madura como garantias da própria liberdade.

Estariam as regras da escola promovendo esse entendimento? Ou será que tais regras, cristalizadas, corresponderiam a uma escola repressora, já desatualizada com o mundo atual e sua juventude?

De acordo com o pensamento de Marx e Engels, se faz necessário rever constantemente nossos padrões de relacionamento num mundo sempre em evolução:

Como Marx disse sobre a modernidade: é o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos ... Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar . (Marx e Engels *apud* HALL, 2002:14).

Também Giddens nos alerta para o ritmo e o alcance da mudança contínua que envolve as relações sociais:

à medida em que áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra”- e a natureza das instituições modernas (Giddens *apud* HALL, 2002:14-15)

Dessa maneira, a equipe de direção da E. M. “José Monteiro de Castro” buscou partir do entendimento dessa nova juventude, pensando em atitudes que possam melhorar o comportamento dos nossos jovens no sentido de descobrir como tocar o seu querer. A escola deve repensar suas regras disciplinares, buscando solucionar questões como indisciplina, conflitos e *bullying* que surgiam entre os alunos durante o intervalo do recreio no primeiro turno.

4. ANÁLISE E DEFINIÇÃO DOS PROBLEMAS

De acordo com o artigo *A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil*, do professor Juarez Dayrell, a escola é o lugar de socialização da juventude e a crise na escola está relacionada à existência de alunos desinteressados, que veem a escola como uma obrigação necessária. Para solucionar esse problema, se faz necessário que os educadores conheçam a juventude presente em suas escolas, especialmente aqueles aspectos relacionados à cultura juvenil:

Na trajetória de vida desses jovens, a dimensão simbólica e expressiva tem sido cada vez mais utilizada como forma de comunicação e de um posicionamento diante de si mesmo e da sociedade. A música, a dança, o vídeo, o corpo e o seu visual, dentre outras formas de expressão, têm sido os mediadores que articulam jovens que se agregam para trocar ideias, para ouvir um “som”, dançar, dentre outras diferentes formas de lazer.(DAYRELL, 2007: 1109)

Assim, passamos a tentar entender a identidade dos nossos jovens, a importância dos grupos e como eles se organizam. Segundo Pais, os amigos do grupo “constituem o espelho de sua própria identidade, um meio através do qual fixam similitudes e diferenças em relação aos outros” (Pais *apud* Dayrell, 2007:1111). Talvez entendendo melhor nossa juventude, os grupos que constituem e a sua identidade cultural, poderemos avançar mais na construção de uma convivência mais saudável no intervalo do recreio.

Percebemos que as nossas regras eram pouco participativas e que nossos alunos não tinham espaço para se expressar no intervalo do recreio e constituírem verdadeiramente um espaço de socialização que expressasse as diferentes identidades ali presentes. A própria merenda, por exemplo, era servida a eles em quantidades mais ou menos iguais, ignorando os gostos pessoais dos alunos ou a preferência por este ou aquele alimento. Além disso, as regras da escola em relação à roupa eram muito ultrapassadas, exigindo que não se usasse boné ou bermuda, o que impedia a expressão da identidade dos alunos que muitas vezes usam esses acessórios para se identificarem com seus grupos. De acordo com Dubet:

A escola é invalidada pela vida juvenil, com seus looks, pelas grifes, pelo comércio de artigos juvenis, constituindo-se como um espaço também para amores, as amizades, gostos e distinções de todo tipo. O “tornar-se aluno “ já não significa tanto a submissão a modelos prévios, ao contrário, consiste em

construir sua experiência como tal e atribuir um sentido a este trabalho (Dubet apud Dayrell, 2007: 1120)

Dessa maneira, percebemos que era necessário implantar mudanças no intervalo do recreio que garantissem aos nossos alunos um espaço de participação, para que eles pudessem se apropriar melhor daquele momento. A nossa ideia era que, com a flexibilização das normas e uma abertura maior para a cultura dos alunos, poderíamos reduzir os comportamentos de indisciplina presentes no intervalo do recreio.

Mas ainda faltava elaborar uma estratégia que pudesse reduzir os conflitos entre os próprios alunos, envolvendo ou não o *bullying*. De acordo com Bernard Charlot, não é possível acabar com as situações de conflito na escola e isso seria mesmo indesejável, pois a agressividade e o conflito são componentes do comportamento humano e cabe à escola lidar com essas situações, não se esquecendo de que ela própria também pode estar cometendo violência contra seus alunos:

A questão é saber quais são as formas de expressão legítimas ou aceitáveis da agressividade e do conflito. É a violência enquanto vontade de destruir, de aviltar, de atormentar, que causa problema – e que causa mais problema ainda em um instituição que, como a escola, inscreve-se na ordem da linguagem e da troca simbólica e não na da força física. Concretamente isso significa que o problema não é fazer desaparecer da escola a agressividade e o conflito, mas regulá-los pela palavra e não pela violência - ficando bem entendido que a violência será bem mais provável, na medida em que a palavra se tornar impossível. De sorte que fica logo bem claro que a questão da violência na escola não deve ser enunciada somente em relação aos alunos: o que está em jogo é também a capacidade de a escola e seus agentes suportarem e gerarem situações conflituosas, sem esmagar os alunos sob o peso da violência institucional e simbólica. (CHARLOT: 2002, 436)

Charlot nos alerta ainda para o fato de que a violência pode estar associada ao fato de os jovens não verem sentido na escola. Muitos alunos não compreendem a lógica da instituição ou não se sentem como parte dela, não se identificam com seus valores, o que leva à indisciplina e é motivo de tensão no ambiente escolar:

Deve-se, portanto, conceder uma grande atenção à questão da relação com o saber quando se trabalha (como pesquisador ou como professor) sobre a questão da violência na escola. Certamente esta é uma questão que está vinculada ao estado da sociedade, às formas de dominação, à desigualdade, uma questão que está vinculada também às práticas da instituição (organização do estabelecimento, regras de vida coletiva, relações interpessoais, etc.). Mas é também uma questão que está ligada às práticas de ensino cotidianas que, em último caso, constituem o coração do reator escolar: é bem raro encontrar alunos violentos entre os que acham sentido e prazer na escola... (CHARLOT: 2002, 442)

Dessa maneira, pensamos que toda e qualquer intervenção que fôssemos fazer no intervalo do recreio, deveria ser construída junto com os alunos, para que se sentissem parte dela e percebessem que o sentido das regras disciplinares é tornar o intervalo do recreio um tempo agradável para todos.

Sabemos que o intervalo do recreio é um espaço complexo de interação, pois os diferentes grupos sentem a necessidade de demarcarem suas identidade e estilos. Além disso, como já dissemos no capítulo anterior, existe uma diferença muito grande entre os grupos de alunos que já estão com a sexualidade aflorada e por isso envolvidos em paqueras e os grupos de alunos mais novos, que se sentem “presos” durante as aulas e utilizam o intervalo do recreio para extravasar toda a sua necessidade de exploração do espaço: eles querem correr, saltar, o que num espaço reduzido como o nosso, é motivo de conflitos entre os alunos, pois um acaba invadindo o espaço do outro.

Foi então que surgiu a ideia de tentar ampliar o espaço utilizado para a socialização no intervalo do recreio. Seria uma maneira de reconhecer a necessidade que os nossos alunos tem de correr e dar a eles a oportunidade de brincar de pega-pega, pique-cola, queimada e outras brincadeiras que poderiam dar vazão a essa necessidade. O objetivo era também valorizar o jovem dentro da escola, garantindo o direito de ir-e-vir e diminuir os conflitos gerados pela disputa de espaço.

No próximo capítulo, apresentaremos mais detalhadamente os projetos que foram implantados na escola.

5. IMPLANTAÇÃO DAS AÇÕES

5.1. Introdução do desjejum

Na verdade o desjejum sempre existiu, mas era mais um momento em que os alunos mais uma vez eram servidos pelas cantineiras. Então começamos a observar que esse momento poderia ser modificado tornando mais agradável e até mesmo respeitando mais os nossos alunos no sentido de eles mesmos decidirem o que querem, o quanto querem e como querem.

Nesse instante visamos também oferecer uma alimentação adequada e saudável que esteja associada à melhor aprendizagem e à elevação do rendimento escolar do aluno. O alimento matinal é muito importante para um bom desempenho no exercício mental, pois a maioria não tem o hábito de se alimentar pela manhã. Pensando nesse aspecto, começamos a conversar com os alunos individualmente e depois em conjunto, aproveitando o momento em que todos estão reunidos todas as manhãs para acolhida para falarmos sobre o desjejum no formato do *self-service*.

O primeiro passo foi explicar para os pais, alunos e professores a importância da alimentação. Todos gostaram muito dizendo que seria uma conquista muito grande, que eles nunca tiveram essa chance e que gostariam de experimentar essa novidade.

O segundo passo foi o próprio processo de implantação do desjejum, que foi realizado com os nossos próprios recursos, tudo muito simples. Eles mesmos se servem; o que é mais interessante é que esse é o único momento dentro da escola que não existe fila.

5.2. Introdução do *self-service*

Ninguém faz uma refeição apenas para matar a fome. O tempo que se abre na rotina para comer seja na escola ou no dia-a-dia sempre teve, ao longo de nossa existência, uma conotação social. As horas do almoço, jantar ou do café também são usadas pelas pessoas para compartilhar um prazer e um modo de ser e viver, sem contar

os aspectos afetivos que são mobilizados quando o aroma da comida ou bebida aguça os sentidos.

Na escola, o intervalo para que os nossos alunos façam a merenda não pode ser diferente, eles precisam comer em ambientes agradáveis e acolhedores, que mostrem o respeito que a escola tem por seus alunos. Temos que cuidar do refeitório como um espaço de aprendizagem. Antes, as cantineiras é que serviam os alunos. Os pratos são de alumínio, assim como os talheres e os demais utensílios. O projeto do setor da Merenda Escolar do município é de substituir os pratos e canecos de alumínio por vidro temperado para que os mesmos não corram risco de se machucar.

Alguns comem sentados à mesa, outros preferem ficar de pé, até por que não temos mesas e bancos suficientes para que todos se sentem. Percebemos que dessa maneira estávamos passando o conceito de que a hora da refeição é apenas para se alimentar. Optamos por implantar o sistema *self-service*, pois ele dá autonomia aos alunos para decidir o quanto querem e o que querem comer e promove uma mudança significativa no comportamento deles. O primeiro passo foi explicar para os pais, alunos, professores e demais funcionários a importância e a intencionalidade educativa na hora da merenda, através de conversas individuais e coletivas, mostrando a todos que para um projeto ser bem sucedido, a interação de todos é vital. Não foi fácil, uma vez que o município não oferecia recursos imediatos para a aquisição de mobiliário e material necessário que pudéssemos viabilizar de forma tranquila e rápida essa transição. Fizemos a implantação com os nossos próprios recursos. No início do ano de 2012 recebemos do município um *buffet* térmico de 08 cubas para o *self-service* que ainda não foi montado.

Num segundo momento, a escola promoveu palestras com a nutricionista que atende todas as escolas da rede municipal e profissionais da saúde, para todos os funcionários e alunos da escola “José Monteiro de Castro”, para explicar a importância da alimentação balanceada em nossas vidas.

5.3. Jogos – *ping-pong*

A prefeitura municipal de Congonhas distribuiu muitos brinquedos em todas as escolas, dentre eles várias mesas de *ping-pong*. A princípio a dúvida era onde

colocar, como utilizar, na aula de educação física ou no recreio? Mais uma vez tivemos que nos reunir e a decisão foi que as mesas deveriam ser utilizadas na hora do recreio; dessa forma estariam beneficiando os alunos em conjunto e num momento em que todos estivessem presentes. Foi uma alegria para os alunos, foi também mais um momento de motivação para que o intervalo do recreio transcorresse com um pouco mais de calma.

Com a ampliação do espaço físico para o intervalo do recreio, pensamos também em proporcionar aos alunos maior espaço para o desenvolvimento de jogos tradicionais como o pega-pega, o pique-cola, o esconde-esconde, entre outros.

5.4. Ampliação do espaço físico

Entendemos que no momento recreativo tem que existir espaço para que os alunos transitem, conversem, enfim, se desenvolvam de forma tranquila e que todos possam ficar à vontade, um pouco menos “espremidos”. Ao perceber essa necessidade, a direção resolveu ampliar esse espaço abrindo a quadra e dando oportunidade para que os alunos mostrassem a capacidade de se comportar em um ambiente um pouco maior, uma vez que os funcionários para acompanhar o intervalo do recreio são restritos.

No momento estamos pensando em estender esse espaço com o projeto de um jardim que inclui horta e parquinho a ser realizado no ano de 2012, pensando justamente em aproveitar melhor o espaço que ainda temos e melhorar o convívio social dos nossos alunos.



Figura 2: Imagem do projeto jardim.

5.5. Introdução de música

Quando surgiu a ideia da música, foi para incorporar ainda mais ao recreio a cultura dos nossos alunos. Essa é mais uma tentativa de compreender o estilo de música que eles gostam de ouvir, conhecendo melhor o cotidiano deles, enfim, é mais uma forma de inseri-los nesse momento. A partir daí, começamos a ver que através da música veio a dança, que tem os meninos que gostam de dançar e os meninos que curtem ficar olhando a dança deles. A música é reproduzida no próprio sistema de som da escola e esse momento acontece de duas formas: primeiro, aceitamos sugestões dos alunos, dando oportunidade de eles mesmos operarem o som. Ou então, os próprios funcionários que acompanham esse momento operam o som, com a música da própria escola.

5.6. Liberação do celular, boné e bermuda

Assim como no caso da música, isso aconteceu devido à necessidade dos alunos de manterem o celular, boné e a bermuda como parte integrante de sua identidade. Alguns alunos já não se imaginam sem esses acessórios, é vital para que se afirmem adolescentes ou a qual tribo pertencem. Em muitas instituições o uso de celular, boné e bermuda são terminantemente proibidos. Diante dessas afirmativas, ficamos pensando se realmente vale a pena proibir os alunos de mostrarem sua identidade de fato. Pensando por esse aspecto, a direção e os professores resolveram contrariar a regra da maioria das escolas e liberar esses acessórios e observar a reação dos alunos. A notícia foi recebida com muita alegria, era o que realmente todos queriam mostrar como são, o que são e como se comportariam diante dessa abertura.

No primeiro instante não foi fácil, vários alunos cometeram alguns abusos, mas nada que uma boa conversa não resolvesse. Temos que dar espaço para que o aluno nos mostre sua cultura, para que possamos interagir com eles, mesmo sabendo que esses acessórios não fazem parte do uniforme escolar.

5.7. Palestras: *bullying*, violência social, exploração sexual, etc

Esse tipo de evento dentro da escola é uma tentativa de gerar uma reflexão sobre o modo de como percebemos e agimos diante da nossa realidade. Serve também para um despertar interno, um acordar e relembrar que o único responsável pelo

que acontece em nossas vidas somos nós. Não existem palavras milagrosas que resolverão os problemas de cada um de nós, mas existem pessoas competentes com bagagem de vida e formação suficientes para expor assuntos e esclarecer dúvidas com relação aos conteúdos práticos e interativos, proporcionando momentos agradáveis de reflexão, deixando para os espectadores decidirem o que fazer com aquelas palavras de orientação e que rumo tomar em suas vidas.

5.8. Oficina de autoestima (EMA – Encontro Municipal de Adolescentes)

É inegável que os alunos estão vivendo momentos de extrema dificuldade. A opinião que o indivíduo tem de si mesmo está ligada ao desenvolvimento e aprendizagem. O autoconceito se desenvolve desde muito cedo na relação da criança consigo mesma e com os outros. Ao realizar as oficinas foram pensadas atividades que levantariam a autoestima dos alunos no sentido de que eles se conhecessem e se aceitassem como são.

Essas oficinas também atuam como instrumentos de investigação com relação à atuação do aluno dentro e fora da sala de aula. São importantes as relações interpessoais, a interação dos grupos, enfim, a descoberta do seu próprio fazer, se autovalorizar... Percebemos o quanto tudo isso influencia na capacidade do ser humano de aprender. Partilhar momentos de reflexões e encontrar soluções possíveis para situações de conflitos na vida diária, em sala de aula, na família, na comunidade, que possam estar refletindo nos processos de aprendizagem e comportamentos inadequados também são trabalhados nas oficinas de autoestima. Dessa forma, esse tipo de atividade é mais uma oportunidade para dar um norte para os nossos alunos e uma melhora na qualidade de vida.

O objetivo é trabalhar a afetividade, socialização, relações emocionais de maneira divertida, visando resgatar e despertar o interesse do educando em aprender e proporcionar condições para que todos os alunos sejam capazes de possuir autonomia frente ao conhecimento construído socialmente, em sala de aula e seu sucesso no seu processo de aprendizagem.

5.9. Combinados com os alunos

No início do ano letivo é realizada uma reunião com os pais onde é entregue um conjunto de normas disciplinares. Os pais levam para casa, examinam e dão o seu parecer, lembrando que os alunos participam da construção dessas regras.

A princípio, o primeiro passo foi dado pela própria diretora que passou de sala em sala, se apresentou, dando as boas vindas e aproveitando para explicar algumas regras de convivência já em vigor – essas regras devem ser transmitidas de forma que os alunos entendam o porquê que elas existem. Isso é feito partindo dos direitos de cada um para com os deveres de todos. Com as regras gerais conhecidas, cada professor pode organizar com os alunos os combinados internos. Para isso é preciso ouvir os alunos e definir um programa de ação para discutir os problemas comuns para decidirmos como podemos fazer para sermos cada vez mais amigos uns dos outros, quais combinados podemos fazer para que torne a convivência na sala de aula e na escola melhor.

Abaixo o cronograma que mostra como essas ações foram implantadas na E.M. “José Monteiro de Castro”:

	1ª semana julho	2ª semana julho	1ª semana agosto	2ª semana agosto	3ª semana agosto	4ª semana agosto	1ª semana setembro	2ª semana setembro
Sensibilização dos alunos	X			X				
<i>Self-Service</i> desjejum	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>Self-Service</i> Merenda	X	X	X	X	X	X	X	X
Quadra	X	X	X			X	X	X
Palestras	X		X					
<i>Ping-Pong</i>			X	X	X	X	X	X
Oficinas Autoestima	X							
Musica	X	X	X	X	X	X	X	X

Tabela 02 - Cronograma das Intervenções no Intervalo do Recreio- Julho/Setembro 2011

6. AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

O desjejum no formato de *self-service* está sendo ótimo. Os meninos se sentem bem tranquilos para se servirem e compartilhar uns com os outros de uma verdadeira roda de conversa. Nesse momento, os assuntos são variados. Infelizmente, são poucos os alunos que desfrutam desse momento apaziguado. Os que estão presentes se sentem maravilhados com tamanha liberdade dizendo que antes não tinham autonomia dentro da escola e que agora tudo flui de maneira natural, é como estar em casa. O nosso desejo é que esse momento se estenda e contagie todos os alunos de nossa escola.

O *self-service* incorporou muito bem o processo de merendar. Foi uma mudança que serviu para que todos nós aprendêssemos algo, seja perceber que os alunos tem capacidade de decidir, dialogar, experimentar qualquer tipo de situação sozinhos quanto para ver o quanto é bom o prazer de fazer e participar desse fazer até sem perceber; é isso que acontece com os alunos quando estão inseridos definitivamente no processo de escolhas, até no que comer.

Ao inserir jogos (*ping-pong*) no intervalo do recreio vimos uma luz imensa nos olhos dos meninos, oportunidade de mais uma brincadeira saudável que trouxe um pouco mais de felicidade e uma euforia gostosa para esse momento. O que os meninos curtem é a disputa tranquila pela raquete e a bolinha do *ping-pong*. Os próprios alunos, então, decidiram fazer um revezamento de duplas durante o recreio e outras duplas para os outros dias uma vez que todos querem participar. Tivemos um olhar aprovador para a atitude deles, percebemos que, para a nossa surpresa, eles demonstraram um senso enorme de responsabilidade.

É notório que o comportamento dos alunos melhorou muito a partir do momento em que eles adquiriram maior espaço para se movimentarem. A ampliação do espaço físico foi vital implicando até mesmo no desenvolvimento e rendimento escolar dos nossos alunos. Os professores que estão diretamente com eles retratam que de um tempo para cá ao voltar do intervalo do recreio os alunos continuam agitados, porém, é

uma agitação diferente de tempos atrás, hoje está estampado no rosto de cada um a satisfação de estar em um lugar acolhedor.

No tocante a liberação da música, do celular, do boné e da bermuda foi muito interessante porque os alunos acolheram a ideia com muita empolgação. Aceitar a identidade do aluno não é em absoluto desprezar regras disciplinares já existentes, muito pelo contrário, é sinal de respeito, de interesse em conhecê-los melhor. Às vezes, é preciso conversar, acertar detalhes que possivelmente tenham que ser reparados, o que é muito saudável. No mais, está funcionando bem e sendo muito positivo, uma vez que sem querer todos são envolvidos, contagiados pelo mesmo sentimento de descontração, que é definitivamente parte integrante da adolescência.

As palestras têm sido de grande valia para os alunos. Naquele momento, eles estão imbuídos de quietude e atenção assimilando as palavras que são de orientações e ao mesmo tempo conselhos que são aceitos e que estão surtindo efeitos satisfatórios. Os alunos têm se mostrado mais compenetrados e assíduos durante esses eventos.

As oficinas de autoestima tiveram importantes resultados a partir do momento que conseguimos melhorar o visual de vários alunos, levando ao conhecimento deles que se cuidar é muito importante e saudável. Dessa forma, conseguimos fazer com que despertassem dentro deles o gostar de estar consigo mesmos, se amar mais; isso é um dos aspectos mais desenvolvidos e com resultados surpreendentes.

Os combinados internos realizados com professores e alunos, alunos e funcionários ou até mesmo direção e alunos tem sido significativos. Essa foi uma das muitas estratégias utilizadas que renderam bons frutos para harmonizar a escola e fazer com que os alunos respeitassem e entendessem tanto as regras já vigentes na escola, quanto as condutas que foram combinadas no extra-classe. Com certeza estamos alcançando os nossos objetivos, mas certos de que teremos que continuar nos empenhando para melhorar ainda mais esses resultados que muito contribuem para o crescimento dos nossos alunos.

7. CONCLUSÃO

O aluno deve ser visto como tal e perceber que uma das suas necessidades essenciais é o brincar ou descontraír. Não se deve jamais pensar que a descontração não seja importante, mas sim, buscar criar condições para que seja possível. É indispensável a organização neste espaço de tempo, acreditando na possibilidade de os próprios alunos gerenciarem essas atividades.

Com as medidas adotadas observamos a diminuição do impacto negativo que os comportamentos relacionados à indisciplina, conflitos e *bullying* causavam no intervalo do recreio.

É bom lembrar que todo e qualquer tipo de indisciplina é um problema pertinente à escola, que sempre existirá com mais ou menos intensidade. Nossos esforços não pretendem eliminar a indisciplina por completo, mas sim diminuir a ocorrência desse comportamento por meio da construção de uma relação onde haja mais diálogo e mais respeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARLOT, Bernard. *A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão*. Tradução de Sonia Taborda. In: *Revista Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 432-443

DAYRELL, Juarez. *A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil*. In: *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002, pag. 7 - 46.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estud. av.*[online]. 1988, vol.2, n.2, pp. 46-71. ISSN 0103-4014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141988000200007>. Acesso em 24/06/2012.